

A difícil arte de ver

As tramas reflexivas de Sandro Novaes

É preciso olhar para ver. Mas simplesmente olhar não é garantia para se ver.

O pintor contava com a linha do horizonte: impassível e confiável, lá estava ela, permanente, soberana. Como a Verdade, mais que suprema, absoluta, podia-se contar com ela, origem de todos os pontos de fuga possíveis e imagináveis. A garantia de uma perspectiva segura. Com a chegada do horizonte planar da modernidade, ela foi proscrita, monstruosidade estranha a todas as sintaxes autônomas.

Àquela nova era de certezas, ainda que ansiosas, sucede agora a nossa, em que a realidade se fragmenta em mil e uma verdades. E meias. Se alastra o mal-estar: de certo, só há dúvidas e, com elas, novos medos. Enganosas, todas as situações exigem o máximo de atenção e vigilância reflexiva. Deste ponto, não há mais fuga possível: é preciso se encarar de frente todas as realidades que se apresentem.

Em suas pinturas e instalações, **Sandro Novaes** investiga a instabilidade desta nova situação, oferecendo ao olhar feixes de linhas que se tramam em redes complexas, tecem dificuldades e urdem, no jogo de suas presenças e ausências, continuidades e descontinuidades, espaços tão sutis quanto paradoxais. Não se fie, Teseu, nestas indicações contraditórias: são absurdas essas direções que subitamente apresentam planos inesperados e campos de forças imprevisíveis: não há saída, o que resta é se perder nestes labirintos de inteligência e rigor.

Contra certo clichê da contemporaneidade que quer concentrar toda ‘participação ativa’ em práticas interativas, por mais mecânicas e programáticas que sejam, querendo impor o rótulo de ‘contemplação passiva’ a tudo que fuja a esta concepção da arte como novo playground - ou - pior - shopping center, estas redes nada ortogonais mapeiam o lugar de uma possível sobrevivência da vida inteligente no planeta Arte.

Virtuais ou materialmente realizadas, visíveis ou invisíveis - sugeridas - a deslizar como luz, ferro ou tinta no tempo e no espaço, as linhas de **Sandro Novaes** - linhas de pensamento - indagam e confundem, provocam e problematizam, sem perder sua capacidade de fascinar.

De um lado da tênue, quase invisível, mas potente linha que separa olhar de ver, olhos simples passearão pelos efeitos proporcionados pelos encontros e desencontros destes vetores velozes, se deliciando com os artifícios de sua ação. Que se deleitem!

Do lado mais difícil desta fronteira, olhares mais afeitos a outras profundidades, aficionados à difícil arte de ver, mergulharão nos precipícios e labirintos destes espaços paradoxais.

Sem paraquedas, nem redes de proteção. Só de invenção.

E inteligência.

Ricardo Maurício Gonzaga

Possui graduação em Gravura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) e doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Atualmente é professor adjunto, chefe do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Artes da UFES. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Plásticas, atuando principalmente nos seguintes temas: imagem, corpo, tempo, presença e processos da criação.